

Jornalismo 3.0

Anunciada como uma grande mudança na relação entre o telespectador e o sistema produtivo televisivo através de diversos recursos multimídia disponíveis nesses tempos que vivemos, a televisão digital, no ar desde dezembro de 2007 no Brasil e em plena expansão pelo território nacional, não tem significado, de fato, uma ampliação nas possibilidades interativas ou multimidiáticas dos programas de televisão, jornalísticos ou não. Nada de enquetes, sugestões de pauta ou mesmo compras de produtos licenciados via receptor digital. Mas, enquanto essas possibilidades anunciadas morrem na praia, a internet vem se mostrando uma ferramenta fundamental para a relação do público televisivo com os seus programas e artistas favoritos. As redes sociais facilitaram o contato com celebridades de todo tipo, ainda que haja em boa parte dos casos uma assessoria responsável por cuidar dos perfis públicos desses famosos.

Segundo o jornalista Giovanni Meirelles ¹, 25% dos maiores tuiteiros brasileiros são pessoas ligadas à televisão e entre os programas presentes na rede social, o campeão de seguidores é o CQC, logo depois o Pânico e um pouco mais atrás o Jornal Nacional. Em março deste ano, Rafael Bastos, apresentador do CQC, foi apontado pelo jornal The New York Times como a personalidade mais influente do Twitter ². Marcelo Tas, apresentador do mesmo programa, tem uma relação tão próxima com a rede que assina uma coluna na revista semanal Istoé apresentada como: “Política e Humor no Twitter por um especialista no assunto” ³. Não faz muito tempo, o apresentador do telejornal de maior audiência no país, William Bonner, virou notícia por deixar ver o seu lado extrovertido na rede de microblogs⁴. Mas essa mesma ampliação de visibilidade, que permite estreitar laços e dar a sensação de maior intimidade entre jornalistas celebridades e o público, tem implicações na formatação dos programas, seja pelo discurso em torno dele, seja pela mudança de percepção da trajetória da figura pública que está à sua frente.

As recentes polêmicas envolvendo os apresentadores do CQC Marcelo Tas, Rafael Bastos e Danilo Gentili são bons casos para observação desse fenômeno. O CQC tem conquistado admiração por um novo modo de fazer jornalismo e piada ao mesmo tempo, reivindicando um lugar de defensor do interesse público quando vai à Câmara e ao Senado entrevistar políticos sobre os assuntos em pauta e verificar o quanto conhecem de cada um, ainda que causando constrangimento, ou quando mostra problemas cotidianos da população e reivindica soluções dos poderes públicos para eles,

1 <http://www.pbagora.com.br/coluna.php?id=20100321204100&cat=politica&keys=twitter-completa-quatro-anos>

2 <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/893661-rafinha-bastos-e-o-mais-influente-do-twitter-diz-new-york-times.shtml>

3 http://www.istoe.com.br/colunas-e-blogs/colunista/37_MARCELO+TAS

4 <http://diversao.terra.com.br/gente/noticias/0,,OI4040535-EI13419,00.html>

como no quadro Proteste Já. A relação entre humor e jornalismo foi consagrada no Brasil nos tempos de ditadura militar, quando para se falar de muitos assuntos sérios do país, era preciso recorrer à piada, já que o jornalismo era censurado. E essa matriz cultural tão forte entre nós é certamente um dos alicerces do sucesso do programa e do sucesso individual de cada um dos apresentadores, alavancado por causa do CQC.

Não à toa, as piadas politicamente incorretas de Rafael Bastos sobre estupro⁵, a polêmica envolvendo Marcelo Tas e uma acusação de misoginia e a repercussão de um comentário de Danilo Gentilli no twitter sobre judeus⁶, têm sido alvo de muita discussão entre internautas e espectadores do programa. As trajetórias de jornalistas e figuras públicas não podem ser dissociadas de sua atuação profissional, também pública. Como coloca Thiago Ferreira, “saber quais as posições assumidas por um jornalista durante a sua trajetória profissional possibilita pensar como ele se relaciona com a audiência e com os valores da atividade profissional”. E se essa atividade é o jornalismo, ainda que feito na relação com o humor, há que se observar a relação da trajetória com interesse público, veracidade, credibilidade, para dizer o mínimo.

A tradição de fazer piada com coisa séria está na história do Brasil há algum tempo e o CQC nunca reivindicou para si o lugar do politicamente correto. Mas, se para reivindicar o seu direito de fazer a cobertura do dia a dia do Congresso Nacional o programa recorre a um discurso de legitimação pelo jornalismo e sustenta essa postura pelo menos em parte dos quadros que apresenta e das coberturas que faz, ele deve, sim, ser avaliado por sua qualidade jornalística e pelo modo como se relaciona com os valores éticos e profissionais da atividade. Justificar cada declaração infeliz pela piada parece não ser uma boa saída.

Depois de alguns meses ensinando receita de brigadeiro e pedindo para que seus seguidores escolhessem sua gravata, William Bonner deixou o twitter por um tempo e voltou logo depois com o mesmo perfil extrovertido. Na sua postura à frente do Jornal Nacional, foi possível perceber uma mudança sutil, mas fundamental para a manutenção de audiência: risadinhas e comentários mais descontraídos ajudaram a criar uma relação de proximidade entre o apresentador e seu público, agora também seus seguidores. Para quem pensa inocentemente que o “lado brincalhão” de Bonner apareceu no twitter como uma válvula de escape do jornalista, fica a dica de que a ferramenta foi apresentada a ele pelo diretor-presidente da área de internet da Rede Globo, numa palestra na

5 <http://www.comunique-se.com.br/index.asp?p=Conteudo/NewsShow.asp&p2=idnot%3D58927%26Editoria%3D8%26Op2%3D1%26Op3%3D0%26pid%3D151884016729%26fnt%3Dfntnl>

6 <http://www.reporterdiario.com.br/Noticia/287798/danilo-gentili-se-desculpa-com-judeus/>

empresa⁷. Não pode ser por acaso. Certamente, é um bom momento para começar a ampliar os termos em que pensamos a tão festejada relação entre televisão e internet, multimídia, interatividade e *cross* mídia, ou seja lá o próximo nome com que venhamos a falar disso.

7 <http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/entrevista-william-bonner-tio-twitter-tv-globo>